

Reflexão sobre o uso e atribuição dos nomes na cultura dos bakongo

Eduardo David Ndombele *

Instituto Superior de Ciências de Educação do Uíge - Angola

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-5832-6391>

RESUMO

O presente artigo faz uma abordagem sobre atribuição do Nome na Tradição Oral (Literatura Tradicional) no contexto do grupo étnico dos bakongo. É óbvio que o nome como parte constitutivo, completa a pessoa, pois explica a sua interioridade, e faz parte da personalidade. Procuramos nesta reflexão questionar o seguinte: O que está na base da rejeição e desprezo do uso dos nomes africanos na sociedade contemporânea? O presente estudo visa analisar as causas da invasão e desprezo dos nomes que representam a nossa identidade cultural. A nossa abordagem metodológica assenta no paradigma qualitativo, tendo como estratégia de investigação o estudo de caso de cariz interpretativo que consiste numa descrição pormenorizada do caso estudado. Entretanto o estudo concluiu que o **nome** é um elemento notório de identificação do indivíduo. Por isso, ao atribuirmos o nome devemos em primeiro lugar, refletir os padrões normativos de cada povo ou cultura. O nome é um produto sócio histórico e social, associado a uma determinada língua que transporta uma carga cultural partilhada por determinada sociedade e com uma memória cultural de sociedade linguística. O nome é um direito revogado pela Lei nº10/77, de 09 de Abril, com a alteração dada pela Lei nº 10/85, de 19 de Outubro, e pelo Código da Família. Uma criança ou filho que nasce sozinho do ventre da sua mãe (unigênito) é também atribuído um nome específico. O nome que pode ser atribuído para essas situações o nome de N'SUNDA caso este for menina e NSUNDA se for rapaz. Contrariamente da língua portuguesa que apresenta estrutura justaposta, outras línguas, contudo, apresentam estrutura aglutinante, como é o caso da língua indígena kikongo, isto por que o kikongo aglutina o elemento modificador no radical (ki+João=Kijoão) e nos casos em que o topônimo é composto por dois termos (Kiteka Panzo), em todos os casos, não se emprega a preposição, opondo-se do que acontece em português em alguns casos.

PALAVRAS-CHAVE

Nome; Tradição; Identidade; Cultura

REVISTA NJINGA & SEPÉ

*Pós-Doutorando em Letras na Universidade da Beira Interior Especialista em Políticas Educativas Pesquisador em Metodologia de PLNM. & Sociolinguística, Membro da Cátedra da UNESCO em Políticas Linguísticas Membro do Conselho Científico da Revista Njinga & Sepé. Professor há mais de 19 anos desde o Instituto Médio Agrário do Tchivinguiro na Huíla, passando pela Escola de Formação de Professores Comandante Liberdade no Lubango. É actualmente Professor Auxiliar do Instituto Superior de Ciências de Educação do Uíge. Chefe do Departamento de Ensino e Investigação de Letras Modernas. Doutorando em Inovação Educativa pela Universidade Católica de Moçambique, na Faculdade de Educação e Comunicação de Nampula.

Para citar este Resumo (ABNT): NDOMBELE, Eduardo David. Reflexão sobre o uso e atribuição dos nomes na cultura dos bakongo. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé.** São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 224, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T_TiEEttPeI

Para citar este Resumo (APA): Ndombele, Eduardo David (ago. 2024). Reflexão sobre o uso e atribuição dos nomes na cultura dos bakongo. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé.** São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 224. (ISSN: 2764-1244). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T_TiEEttPeI